

X Ciclo de Estudos da Linguagem
**III Congresso Internacional
de Estudos da Linguagem**
29, 30 e 31 de julho de 2019

SIMPÓSIO 11

**UMA ANÁLISE ECOCRÍTICA DE
PRINCESA MONONOKE**

Nicole Torres Pacheco¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar as características ecocríticas do diretor de animação Hayao Miyazaki e pontuá-las dentro do filme Princesa Mononoke (1997), de sua autoria. O interesse na pesquisa se deu por meio da participação da aluna no evento de extensão “Três encontros ecocríticos”, ministrado pelo professor Klaus Eggensperger², orientador desta pesquisa, em 2017. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica e teve como resultado uma profunda análise da animação, mas também de questões da ecocrítica e da gestão ambiental que norteiam a área de estudo e muitas das grandes discussões atuais. O principal autor trabalhado foi Greg Garrard, mas foram utilizados também diversos artigos.

Palavras-chave: Ecocrítica; Animação; Princesa Mononoke; Cultura japonesa.

Introdução

O seguinte trabalho tem como objetivo propor uma leitura ecocrítica da animação Princesa Mononoke do estúdio de animação japonês Ghibli. A pesquisa foi motivada pela demanda cada vez mais urgente, dentro e fora da área de letras, por estudos sobre a natureza e, principalmente, como se dá sua relação com o ser humano.

¹ Aluna de graduação em letras japonês da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: nicole.torres.pa@gmail.com.

² Professor da graduação de letras inglês da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: klausegge@ufpr.br.



1 Princesa Mononoke

Princesa Mononoke, ou *Mononoke Hime*, é um filme de produzido em 1997 pelo estúdio de animação japonês *Ghibli*, dirigido por *Hayao Miyazaki*. Se trata da história do príncipe de um pequeno vilarejo que é amaldiçoado à morte ao se encontrar com uma entidade maligna na forma de javali. Ao aceitar a jornada de procurar por uma cura, ele se envolve numa guerra entre uma floresta e uma colônia de mineradores. Um dos filmes mais conhecidos do estúdio, esta obra é uma das que confere ao seu autor parte de seu renome.

1.3 Elementos narrativos

O principal elemento narrativo do filme, que molda toda sua estrutura principal, é a jornada do herói, modificada em certas partes. Ashitaka é amaldiçoado e por isso decide partir na jornada da trama, porém diferente do arco de protagonista padrão, o personagem principal assume um papel de mediador. O filme o coloca numa posição onde suas ações não definem o rumo da história. O que mais impressiona é que Ashitaka não “salva o dia”, mesmo fazendo o melhor que pode dentro do conflito.

1.4 Personagens

San é o primeiro personagem do conflito que o personagem principal encontra. Ela é mostrada ao espectador como uma mulher agressiva, igual aos animais protetores ameaçados. Criada pela Deusa Lobo da floresta, ela se enxerga como um animal, tendo assim a mesma responsabilidade que sua mãe e irmãos. O conflito da imagem de San, uma humana que se enxerga como animal, é responsável por uma das principais questões ambientais do filme: “o quão diferente é o homem do animal?” Justamente por isso é que ela dá nome à animação, ou melhor; por isso que seu pseudônimo nomeia a obra.

Mononoke significa em japonês uma entidade possuidora de seres humanos. San recebe esse apelido dos moradores da Cidade de Ferro pois eles têm dificuldade de aceitar o fato de que uma humana luta junto dos animais e da floresta. A escolha desse nome representa a dificuldade do homem de se identificar com os animais, mesmo que biologicamente sua “animalidade” seja comprovada. Essa imagem de **oposição do homem**



à **natureza**, herança do iluminismo francês, mais tarde é quebrada para dar lugar a um novo paradigma.

Do outro lado do conflito, temos a líder da Cidade de Ferro. Eboshi é apresentada como uma mulher esperta, astuta, bondosa e poderosa. Seu papel feminista está vinculado à sua visão de **desenvolvimento**. Ela acredita na tecnologia como meio de se alcançar o ápice da humanidade, e sendo uma mulher respeitada por outros líderes da trama, faz tudo ao seu alcance para buscar o que acredita. Ela dá voz a minoria feminina e leprosa dentro da sociedade humana, o que faz com que o espectador crie simpatia por ela. Porém percebe-se que seus meios para realizar os objetivos são gananciosos, fazendo com que uma reflexão sobre este pecado capital, e até mesmo o capitalismo, seja levantada.

A opinião de Ashitaka começa a se desenvolver depois de conhecer as duas personagens acima. Sua maldição lhe proporciona um grande poder; ao usar o braço tocado pela entidade para se defender, Ashitaka acaba realizando golpes extremamente violentos e de efeito grotesco. A maldição da entidade é o ódio gerado pelo conflito. A animação, ao inserir uma violência tão explícita, alerta sobre as proporções que o ódio pode tomar. Por isso, o conselho dado a Ashitaka é o de “olhar com os olhos desanuviados” da raiva para as duas partes do conflito. Ao fazer isso, ele decide usar esse poder maléfico para a paz. Ele acredita que os dois lados são bons, mas que estão também amaldiçoados e corrompidos pelo ódio e cegos por ele.

1.5 O conflito

Após analisar os movimentos dos personagens, é possível chegar a uma conclusão mais concreta sobre a crítica do filme. Inicialmente apresentado assim, esse conflito parece óbvio ao espectador. Porém há uma quebra brusca de expectativa. Uma vez que os dois lados são bons e iguais – são todos seres da natureza, como a identidade de San sugere -, a oposição clássica de homem e natureza é impossível, dando lugar a uma nova: **natureza versus tecnologia**, tecnologia sendo neste sentido “[...] todo o conjunto de conhecimentos, razões em torno de algo e/ou maneiras de alterar o mundo de forma prática, com o objetivo de satisfazer às necessidades humanas.”³ Uma vez que o desenvolvimento tecnológico é o

³ Definição retirada do site <<https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-tecnologia/>>.



maior responsável pelo uso nocivo de recursos naturais, é ele – junto da ganância e do ódio – quem realmente prejudica o mundo o natural. Por acreditarem que o homem é superior à natureza, logo opostos, os habitantes da Cidade de Ferro, especialmente Eboshi, justificam os abusos para com ela utilizando-se dessa premissa.

1.6 Os ainu

Os ainu são o único povo indígena do Japão. Residentes da região norte do país desde muito tempo, seu papel no imaginário da natureza é significativo. Devido a um sincretismo do povo ainu com os japoneses, muitas das práticas religiosas de ambos são similares. Porém o que mais interessa numa abordagem sobre a natureza é que a semelhança mais marcante se trata da questão do politeísmo.

Os ainu acreditam que todos os objetos e, principalmente, a natureza possuem deuses. Esses deuses vivem num plano diferente do plano humano e se relacionam com os homens numa hierarquia “ser celestial e homem” um pouco diferente da qual o ocidente está acostumado. Apesar desses deuses serem cultuados como provedores - de alimento, serviços, fortuna, entre outros -, também são passíveis de errar, abrindo a possibilidade de negociação. O intrigante é que ela proporciona um papel mais ativo da natureza na vida dos ainu.

A religião dessa população é denominada como xintoísmo e é atualmente muito presente na vida dos japoneses, mesmo que de forma relativamente passiva. Ela se destaca pela forte presença do animismo que, em termos gerais e comuns a todas às suas ressignificações ao longo do tempo, se refere à crença em seres espirituais e constitui o primeiro estágio das religiões organizadas. Inicialmente tido como termo pejorativo por ser ligado ao primitivismo – quando este também é tido como algo negativo –, atualmente se trata de um termo cunhado por estudiosos num sentido mais amplo que o primeiro apresentado; a partir do século XXI, o animismo começou a ser utilizado para diferenciar nações ou sociedades entre si, enquanto emprega em seu sentido conotações normativas das mesmas. Partindo dessa premissa, pode-se pensar num animismo japonês e visualizá-lo em Princesa Mononke.

1.7 A vila de Ashitaka



Durante o início da narrativa, um dos anciãos da vila de Ashitaka afirma que eles são os últimos dos emishi. Esse povo é até o momento tido como percussores dos ainu, historicamente. O termo, na verdade, se referia a região norte do Japão e esses povos nativos eram constituídos por vários outros de característica tribal. Conforme o Japão começou a se desenvolver e desejar expandir seu território, algumas dessas tribos se juntaram a favor, porém os povos contra a expansão territorial formaram uma resistência desafiadora. É característica desse povo sua luta utilizando cavalos, o que trazia grande vantagem contra as armas de fogo que o lado japonês começava a utilizar. Neste ponto, a presença dessas informações, os emishi e armas de fogo, contextualiza a história num Japão em meados do século IX.

Contudo, além disso, os fatos narrados pelo ancião remontam o começo de uma extinção dos emishi. Considerando isso, é possível assumir a presença e papel dessa vila na obra como uma crítica a opressão que os ainu sofrem atualmente, uma vez que não existem mais *emishis*. Outra interpretação possível é a mensagem de que a sociedade atual perdeu vários valores ligados a natureza, hostilizando os povos indígenas com ela. Assim, dentro do Japão de Princesa Mononoke, a natureza e os povos indígenas são vistos no mesmo patamar hierárquico social.

Considerações finais

Ao estudar essa obra percebe-se, primeiramente, o quão distantes e próximas estão a cultura japonesa e ocidental no âmbito da natureza e do divino. Há semelhanças inegáveis, como a origem animista e os desdobramentos desta presentes em ambas as sociedades. O que torna esses dois objetos quase que polos é o modo como isso se desenvolveu ao longo dos milênios. Atualmente, há uma grande diferença no que este animismo está presente e como influenciou e influencia o modo de viver de ambas as populações, diferença essa que distingue como se pensa a espiritualidade, a natureza e as crises ambientais. Embora o as consequências do capitalismo radical que o mundo vivencia – tais como o consumismo, extrativismo, imperialismo e até mesmo o racionalismo – englobe tanto Japão quanto ocidente, fazendo com que os valores tradicionais mencionados tenham pouca ou nenhuma relevância para a resolução de problemas ambientais, ainda é possível se inspirar nas ideias xintoístas para refletir sobre possíveis soluções para salvar o planeta. Nesse sentido, Princesa Mononoke é e será um filme atual por muito tempo e também extremamente necessário.



Referências

AINU MUSEUM. **Ainu History and Culture**. 2017. Acesso em: Disponível em: Acesso em: 20 de novembro de 2018.

ANG, Bin Yee. **Hayao Miyazaki as Auteur: Techniques, Technology and Aesthetics in Animation**. Londres, Uk. 2013.

GARRARD, G. **Ecocrítica**. Brasília: UnB editora, 2006.

GOSSIN, P. **Animated nature: aesthetics, ethics and empathy in Miyazaki Hayao's ecophilosophy**. Artigo acadêmico – Revista Mechademia. Vol 10. Minnesota, 2012.

ONO, Sokyō. **Shinto: The Kami Way**. Tóquio: Tuttle Publishing, 1962.